

## Analizando expressões brasileiras (verbetes em T-Z)

Jean Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta alguns verbetes que integrarão um futuro “Dicionário filosófico-sociológico de expressões brasileiras”, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

**Palavras Chave:** expressões brasileiras. uso, datação e sentido.

**Abstract:** This article presents some entries (as part of a coming Dictionary) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

**Keywords:** Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

### Introdução – Expressões brasileiras, seu significado e datação

Neste artigo e no outro que integra esta edição, apresento uma amostra do que será um livro, um “Pequeno Dicionário Filosófico e Sociológico de Expressões Brasileiras”, que sucede o recém publicado *Pequeno dicionário de expressões brasileiras* (<https://www.editoraenguaguacu.com.br/product-page>).

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e a cidade ou Estado da federação do qual ela procede.

### Abreviaturas aqui empregadas

**BN:** Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

**Delicado** – é referência ao livro de Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651.

**Pequeno Dicionário:** verbetes do “Pequeno dicionário de expressões brasileiras”, São Paulo: Enguaguacu, 2023.

**Rolland, Francisco ed.** - *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portugueza*, tirados dos melhores authores nacionaes, e recopilados por ordem alphabetica por F.R.I.L.E.L. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1841. Nova edição correcta, e augmentada (a 1ª. edição, da mesma casa e coligida por Rolland, é de 1780).

---

<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. [jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br). Autor do recém-lançado: *Pequeno dicionário de expressões brasileiras*. São Paulo: Enguaguacu, 2023.

## Telhado de vidro

Tal como muitas outras expressões (v. “De graça é caro”), esta acabou por ser abreviada na forma acima. Mas o provérbio original é assim recolhido por Rolland, em sua antiga coletânea: “Quem tem telhado de vidro, não atire pedras ao do vizinho”. Aparece na BN na década de 1820 e, praticamente em suas 5 incidências, na forma completa. Após 8 citações na década seguinte, só em 1839 a expressão aparece por primeira vez isolada, simplesmente como “tem telhado de vidro”, dispensando explicitar a agressão ao vizinho. Hoje, é essa formulação abreviada que prevalece amplamente e talvez muitos não a associem imediatamente à vulnerabilidade de uma reputação desonrosa.

## Terapia e higiene mental

O caso que aqui analisaremos é um daqueles nos quais o surgimento de uma expressão vai desbancando a antiga sinônima, que já apresenta sinais de obsolescência.

O Houaiss e o Aurélio só contemplam o significado técnico, médico, de “terapia” e ignoram o sentido popular, como quando se diz que é uma ótima terapia: “montar aquário”, “contemplar o nascer do sol”, “andar de bicicleta”, “jardinagem”, “cozinhar” ou “fazer artesanato”, enfim, qualquer atividade agradável que nos faça relaxar e esquecer dos problemas. Do mesmíssimo modo, os dicionários só contemplam o sentido técnico, médico, da expressão antiga, cuja versão popular é sinônima da nossa atual terapia: “higiene mental”.

Para de algum modo ilustrar isto, procuramos na BN “ótima terapia” e “ótima higiene mental” (o adjetivo “ótima” procura afastar o sentido técnico e dar-nos o popular) e verificamos que:

- Nos anos 70, higiene mental dá de 7 a 3 em terapia. Nos dois casos aparecem como expressões sinônimas, indicando atividades como: jogar golfe, confeccionar tapetes, jogar futebol etc.

- Nos anos 80, terapia já ganha de higiene mental por 11 a 5.

- De 2000 a 2009 terapia reina absoluta com 27 incidências contra apenas 1 (em carta de um leitor saudosista) de higiene mental.

O fato é que a versão popular vai acompanhando o vigor (crescente ou decrescente) da linguagem técnica correspondente. O que ocorre também em outros casos, como por exemplo, na provável suplantação de “bexiga” (a de festa infantil, a de assoprar), por “balão” (palavra que, além do mais, não evoca etimologicamente o saco musculomembranoso onde se acumula a urina do animal).

## Terno/tenro, as metáteses nossas e as árabes

Um dos mais intrigantes fatos semânticos da língua árabe é a metátese, isto é, a transposição de fonemas dentro de uma palavra, frequentemente com uma real relação de sentido entre as formas metatéticas.

No campo do meramente fortuito em nossa língua, se tomamos, por exemplo, a palavra “porta”, podemos encontrar metáteses como: trapo, raptó, parto ou tropa. Mas não há nenhuma relação de sentido entre elas e se houver (como alguém poderia

alegar entre “parto” e “porta”) é meramente casual. Exceto em alguns poucos casos que remetem à mesma etimologia, como terno/tenro ou a engasgos e tropeços de pronúncia como estrupar/estuprar, depredar/depedrar.

Podem surpreender pela conexão de sentido (mas são casuais...) metáteses como: desnorteia/desorienta; podre/poder ou senador/desonra.

Outro aspecto importante é que, no caso da língua árabe, o que conta é o radical tri-consonantal, que é o núcleo semântico das palavras (as vogais, que frequentemente nem são grafadas, fazem a determinação periférica do sentido). Se aplicássemos essa leitura “árabe” a nossas palavras, “obsoleto” seria aparentado com “basalto” e “Datena” imediatamente associado a “detona”.

E considerando, por exemplo, em “carta” somente as consoantes, c-r-t, teríamos no mesmo campo de significados: carta, careta, certo, corta, curto, acerto, Creta, Crato etc. e ampliar-se-ia muito o número de metáteses: troca, treco, torce, recato, retaco, cátaró etc. Mas essas metáteses continuariam independentes e quando houvesse alguma relação de sentido (como, digamos jocosamente, em pastel/paulista) seria casual. O que não impede que se encontrem surpreendentes tiradas como Clint Eastwood/Old West Action e versos jogando com tálamo / túmulo ou “filas, vilas, favelas” etc.

Já na língua árabe, as metáteses são tão frequentes e dotadas de sentido que é tão difícil afirmar casualidade quanto decifrar o intrigante mistério desse fato de linguagem.

Alguns exemplos: B-r-k é o radical de abençoar. K-b-r é ser grande (a benção é engrandecimento: das colheitas, da família, do sucesso etc. a tal ponto que q-l-l é “ser pouco” e, no hebraico bíblico, também “amaldiçoar”). E na tradição semita, a benção é ligada sobretudo à primogenitura: b-k-r! Se viajar é s-f-r; f-r-s é o cavalo. X-r-b é beber; b-x-r é alegrar-se, boas novas. Etc. etc. etc. Esses exemplos foram escolhidos de propósito procurando associar a palavras familiares ao leitor: b-r-k como no nome do ex-presidente dos EUA: abençoado, Bento. K-b-r (como no Alcácer kibir, o grande Alcácer); s-f-r, como em safari; f-r-s, como no alferes Tiradentes. X-r-b (xarope – o b supre em português a letra p, inexistente em árabe); b-x-r (alvíssaras: *al-bisharah*).

Essas considerações sobre as metáteses árabes servem para discutir um caso incrível e de especial importância em torno da palavra para metáfora: o radical m-th-l.

Primeiramente, é necessário destacar outro ponto em que as línguas semitas divergem das ocidentais: o já mencionado pensamento confundente (Ortega y Gasset), isto é, o acúmulo numa única palavra árabe de significados que nós distinguimos em diversas palavras.

*Mathal* em árabe (ou seu exato correspondente em hebraico *mashal*; pl.: *amthal* e *mashalim* resp.) é uma dessas palavras “confundentes”. Assim, se quisermos cobrir o campo semântico em torno do radical tri-consonantal *m-th-l*, encontraremos: metáfora, provérbio, parábola, comparação, exemplo, modelo, ditado, adágio, semelhança, analogia, equivalência, símile, apólogo, imagem, ideal, escultura, escarmento, tipo, lição, representação diplomática, interpretação teatral ou cinematográfica, etc.

*Amthal* (parábolas, metáforas, provérbios etc.) são realidades humanas universais, mas têm especial força na comunicação oriental: se – falando tipicamente – o pensamento grego e ocidental “tem sua praia” no *logos*, na argumentação lógica; o *mathal* – sempre falando em tipos – é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz – Mt 13, 34-35 – que só falava em *mashalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei

a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

E quando o grande poeta Omar Khayyam, em suas *Rubayat*, transbordantes de pensamento metafórico, resolve falar de “modo direto” sobre a condição humana e chega a advertir que não vai se valer de *amthal*..., imediatamente tem uma recaída:

Para falar claramente e sem metáforas (!?)  
Somos as peças do xadrez jogado pelo Céu  
Que brinca conosco no tabuleiro do ser  
E depois... voltamos, um por um, à bolsa do Nada.

Para efeitos deste estudo, retenhamos de *mathal* o significado central de metáfora. Os dois exemplos acima já insinuam duas paradoxais funções da metáfora: velar e revelar; esconder e mostrar: em Khayyam, ocultar; em Cristo, mostrar. Mas, mesmo revelando, as parábolas de Cristo servem para ocultar e Ele mesmo diz: “Por isto, Eu falo em parábolas: porque eles, olhando, não vêem, e ouvindo, não compreendem!”, cumprindo assim a profecia de Isaías: ‘Ouvireis e não compreendereis’” (Mt 13, 13).

Incrivelmente, essa paradoxal dualidade da metáfora expressa-se em duas metáteses de *M-th-l*: Th-L-M, “fazer uma abertura”, brecha que permite ver e L-Th-M, “velar, encobrir”. Como o turbante (al-muLaThaM) que encobre o rosto dos militantes.

Evidentemente, no ensino e em toda comunicação valemo-nos constantemente de metáforas (e comparações etc.): elas permitem a compreensão rápida e vigorosa de uma situação abstrata: a dificuldade, digamos, de uma empresa em crise é trazida para o concreto pela metáfora da sinuca ou da sinuca de bico. É o lado revelador da metáfora, que, como dissemos, também pode esconder.

Essa dialética esconde-revela torna-se particularmente importante – no Alcorão, na Bíblia e na mentalidade medieval – quando referida a nosso discurso sobre Deus: nossa linguagem humana, formada no sensível, derrapa e é incapaz de falar com propriedade sobre o divino. Daí a necessidade de metáforas.

Quando Tomás de Aquino discute a conveniência de que Deus se revele por metáforas e comparações na Sagrada Escritura (I, 1, 9), após lembrar que o ensino por comparações sensíveis é o mais adequado à natureza do homem (espírito intrinsecamente unido à matéria), enfrenta a objeção de que ocultam a verdade. E responde: “O raio da divina revelação não se extingue por ser comparado ao sensível em que se envolve, mas permanece em sua verdade: cabendo às mentes que são destinatárias da revelação ascender a seu sentido superior...” E diz que, mesmo para aqueles a quem as parábolas permaneciam veladas – porque não eram dignos ou capazes de apreendê-las em seu sentido profundo –, “melhor lhes era receber esses ensinamentos velados, do que ficar totalmente privados deles” (III, 42, 3).

Também no Alcorão é muito claro o duplo caráter das metáforas: revelar/esconder. Allah vale-se de metáforas para esclarecer os fiéis, por exemplo em 30, 028: “Allah propõe metaforicamente: E assim explicamos detalhadamente os sinais aos que raciocinam”; mas também para obscurecer e confundir os que insistem em ficar fora do caminho! Como, por exemplo em 74, 031: “Para que os infiéis digam: ‘Que é o que Allah pretende ao propor metaforicamente?’”

E em 2, 26 encontramos: “Allah não se envergonha de falar metaforicamente, mesmo que se trate de um mosquito. Os que crêem sabem que é a verdade que vem de seu Senhor. Já os que não crêem, dizem: ‘Que é o que Allah está propondo

metaforicamente??. Assim, Ele extravia a muitos e também encaminha a muitos. Mas não extravia senão aos perversos.”

## Tolos e tolices - sua gama em S. Tomás de Aquino

Por variadas razões certas palavras (por tabuísmo, eufemismo, diferenciação de aspectos etc.) admitem e dispõem de muitos sinônimos. É o caso de diabo (Houaiss enumera mais de 90), meretriz, cachaça etc.

No caso do insulto “tolo”, Houaiss elenca 43, admitindo que é um mínimo, a ser completado por “afins” (como, por exemplo coió, insensato ou mané, que não estão na lista)

Sinônimos – (e afins) abestalhado, abobalhado, apalermado, aparvalhado, apatetado, asno, atolado, atoleimado, azêmola, babaca, babaquara, basbaque, besta, bestalhão, bobo, boboca, bocó, bronco, burro, cândido, débil, estulto, estúpido, idiota, imbecil, inocente, jegue, jerico, jumento, mentecapto, néscio, obtuso, otário, pacóvio, palerma, parvo, paspalho, simplório, tapado, tolo, tonto, trouxa, zebra.

Há um número infinito de tolos. Esta verdade, que é confirmada pela autoridade de Deus (como se fosse necessária a revelação do óbvio...), é citada mais de vinte vezes por Tomás de Aquino, que a lê em Ecle 1, 15: “*stultorum infinitus est numerus*”, sentença de Salomão, proferida em um momento de veemente desabafo e sob os efeitos do vinho (2, 3). Os néscios – diz, por sua vez, o salmo (118, 12) – “me rodeiam como vespas”.

Os tolos não só são infinitos, mas também apresentam-se sob diversas espécies: umas mais brandas; outras, mais graves; há tolices inocentes; outras são grave pecado etc... Neste verbete, veremos como Tomás de Aquino, no século XIII, analisou alguns desses casos, muitos dos quais forneceram palavras para nossa língua portuguesa.

Ao longo de toda a obra do Aquinate<sup>2</sup>, encontramos uma vasta tipologia de tolos: *asyneti, cataplex, credulus, fatuus, grossus, hebes, idiota, imbecillis, inanis, incrassatus, inexpertus, insensatus, insipientis, nescius, rusticus, stolidus, stultus, stupidus, tardus, turpis, vacuus e vecors*.

Examinaremos brevemente – em forma de pequenas notas – esses vinte e tantos tipos de tolos apresentados por Tomás, algumas das causas, efeitos e os remédios – quando há remédio... – que ele aponta para as tolices.

Para começar, Tomás vale-se de comparações com animais. Se o espanhol prefere “asno” para designar pessoa rude e de pouca cabeça; em português, “burro” é a primeira palavra para designar a fraca inteligência. Tomás, em vinte vezes, compara o **insipiente** ao jumento: porque os animais agem movidos pela paixão (o cachorro que se irrita começa a latir; o cavalo, quando tem um desejo, relincha etc.<sup>3</sup>). E o insipiente,

<sup>2</sup>. Para as buscas em hipertexto valemo-nos da edição eletrônica de Roberto Busa *Thomae Aquinatis Opera Omnia* cum hypertextibus in CD-ROM. Milano, Editoria Elettronica Editel, 1992.

<sup>3</sup>. “*Secundum dicit, comparatus est jumentis. Bruta animalia operantur ex passione; et hoc patet, quia canis statim cum irascitur, clamat, equus cum concupiscit, hinnit; sed non imputatur eis, quia carent ratione. Si ergo homo statim cum concupiscit, sequitur passionem, et iratus percutit, comparatus est in agendo jumentis insipientibus: ps. 31: nolite fieri sicut equus et mulus etc.*” (In Ps. 48, 6).

que abdica da razão (de sua honra, que é a razão, como repete Tomás), se reduz a um asno ou jumento<sup>4</sup>. É comparado ao asno, porque o asno é asno, animal estulto<sup>5</sup>.

E, como veremos, o tolo do tipo *stolidus*, é equiparado à ovelha.

O problema da tolice recai sempre no bom juízo sobre a realidade e principalmente sobre as possibilidades de ação, os *agibilia*. Se *sensatus* é o homem razoável, com bom senso, que sabe discernir e decidir bem sobre as ações particulares; os *insensati* (ou *asyneti*) carecem do devido senso para essas ações<sup>6</sup> (Tomás agudamente faz notar que não se pode dizer que crianças sejam insensatas, mas só adultos)<sup>7</sup>.

Uma primeira característica de diversas formas de tolice é a paralisia. É o que acontece por exemplo com o *stupidus* (que, às vezes, Tomás designa por *cataplex* "cataplex, id est stupidus" Sent. Libri Ethic. II, l. 9, 11), que recebe este nome precisamente por conta de uma paralisia (cataplexia) que lhe sobrevém por *stupor*.

O estupor é diferente da admiração: se esta é uma atitude altamente positiva que convoca a reflexão e é mesmo o princípio do filosofar e do ato poético; aquela, impede-os<sup>8</sup>.

A paralisia mental é comum a outros tipos de tolos: acomete também ao **torpe**, daí que já Isidoro de Sevilha assuma uma curiosa etimologia proveniente do nome do peixe chamado então de *torpedo*, que *entorpece* os membros de quem o toca (Ety. XII, 6, 45).

Tomás inclui o **estulto** entre os paralisados e, citando Isidoro, faz derivar o próprio nome *stultitia* de *stupor*, "que pelo estupor não se move"<sup>9</sup>.

Além da paralisia, outro fator importante na caracterização dos tolos está na (falta de) sensibilidade: no mesmo artigo citado (II-II, 46, 1 c), distinguindo entre estulto e **fátuo**, Tomás diz que a estultícia comporta embotamento do coração e obtusidade da inteligência ("*stultitia importat hebetudinem cordis et obtusionem sensuum*"). Já a fatuidade é a total ausência de juízo (o estulto tem juízo, mas o tem embotado...). Daí que a estultícia seja contrária à sensibilidade do homem que sabe: o *sábio* (*sapiens*) se chama sábio por *saber* (/sabor): assim como o gosto distingue os sabores, o sábio distingue e saboreia as coisas e suas causas: à obtusidade se opõe a sutileza e a perspicácia de quem sabe<sup>10</sup>.

A metáfora do gosto, da sensibilidade no gosto como paradigma para quem sabe saborear a realidade, encerra em si uma das principais teses de Tomás sobre a tolice. No começo da I-II, por exemplo, discutindo qual é o fim último do homem, considera a objeção de que a felicidade estaria no dinheiro, pois essa é a opinião comum... E responde: "‘Tudo se submete ao dinheiro’ é o que afirma a multidão de estultos que só sabem de bens corporais, que o dinheiro pode comprar. Mas o juízo sobre o bem humano não o devemos tomar dos estultos mas dos sábios, assim como

<sup>4</sup> "Cum esset praeditus lumine rationis, sicut homo in honore constitutus, noluit illo lumine regi, assimilatus est iumentis insipientibus, et ideo facit sicut jumenta..." (In Ps. 48, 10).

<sup>5</sup> "Quia asinus est animal stultum, unde dicitur asinus, idest insensatus. Sic homo insensatus..." (Super Ev. Matt. cp 21 lc 1). "Comparatus est iumentis insipientibus, et similis factus est illis etc. et alibi Ps. 31, 9: nolite fieri sicut equus et mulus, in quibus non est intellectus" (Super Ev. Matt. cp 10 lc 2).

<sup>6</sup> "Insensatus autem proprie dicitur qui sensu caret" (Super ad Gal. cp3 lc 1). "Unde secundum synesim dicuntur in graeco aliqui syneti, idest sensati, vel eusyneti, idest homines boni sensus, sicut e contrario qui carent hac virtute dicuntur asyneti, idest insensati (II-II, 51, 3, c).

<sup>7</sup> "Dicitur enim aliquis insensatus, si in aetate perfecta discretionem careat, non autem in puerili aetate" (In Met. X, 6, 20).

<sup>8</sup> "Admirans refugit in praesenti dare iudicium de eo quod miratur, timens defectum, sed in futurum inquirat. Stupens autem timet et in praesenti iudicare, et in futuro inquirere. Unde admiratio est principium philosophandi, sed stupor est philosophicae considerationis impedimentum" (I-II, 41, 4 ad 5).

<sup>9</sup> "Nomen stultitiae a stupore videtur esse sumptum, unde Isidorus dicit, in libro Etymol., stultus est qui propter stuporem non movetur (II-II, 46, 1 c).

<sup>10</sup> "Fatuus caret sensu iudicandi; stultus autem habet, sed hebetatus; sapiens autem subtilem ac perspicacem (II-II, 46, 1, c).

em coisas de sabor perguntamos a aqueles que têm paladar apurado e sensível” (I-II, 2, 1, ad 1).

Trata-se sempre de uma percepção da realidade: aquilo que, na realidade, é doce ou amargo, parece tal como é – doce ou amargo – para aqueles que possuem a conveniente disposição de gosto, mas não para aqueles que têm o gosto deteriorado. Cada um se deleita naquilo que ama: para os que padecem de febre e têm o gosto corrompido não parecem doces coisas que, de fato, o são...<sup>11</sup>

Tomás – quando busca caracterizar o estulto – põe a estultícia como o oposto da sabedoria e refere-se especificamente à incapacidade de estabelecer conexão entre meios e fins<sup>12</sup>. E mais: o agir do estulto segue seu falso juízo, que toma por bom o que não é bom<sup>13</sup>.

O Aquinate agudamente distingue entre a estultícia especulativa e a prática: há pessoas de inteligência muito limitada mas que sabem agir bem; e há pessoas inteligentíssimas que são estultas em seu agir<sup>14</sup>. Em outra passagem (In Hier. cp 4 lc 7), Tomás, sempre atento à linguagem, distingue entre o estulto, que não ascende a conhecimentos superiores; o insipiente, que não saboreia sua doçura, e o *vecors*, a quem falta coração para tomar decisões. E indica (In Ps 48, 4) outra distinção entre o insipiente e o estulto: o insipiente pode ter conhecimentos terrenos mas não os eternos, enquanto o estulto carece até dos conhecimentos terrenos.

Outra característica do insipiente é a de pensar que todos são como ele: “*cum ipse sit insipiens, omnes stultos aestimat*” (II-II, 60, 3). E Tomás, considerando a etimologia, faz notar que o insipiente é *in-sapiente*, o não-sábio, que não saboreia a sabedoria divina (Super I ad Cor. XI-XVI cp15 lc5; (In Ps 52, 1).

Outra constante em diversos tipos de tolos é a obtusidade, que se opõe à agudeza; o agudo penetra na realidade: daí que se fale de “sentidos agudos” e “inteligência aguda”, que penetra até o íntimo da realidade e, no extremo oposto, está o *hebes* (II-II 15, 2, c).

A obtusidade pode ser pecaminosa, culpável: a verdade é límpida, mas o pecado fecha os “olhos da mente” (Super II ad Cor cp 3 lc 3). Daí também os erros crassos, gordos, grosseiros e as metáforas da grossura do intelecto ou do coração: *incrassatus* (Super Ev. Matt. cp 13 lc 1)<sup>15</sup>.

Falta sensibilidade também ao estólido, *stolidus*, incapaz de perceber os mais claros sinais de Deus e relacionar causa e efeito e é comparado à ovelha, animal estulto<sup>16</sup>.

---

<sup>11</sup>. *Similiter etiam amara et dulcia secundum veritatem videntur illis qui habent gustum bene dispositum, et calida his qui habent tactum bene dispositum, et gravia bene diiudicant illi, qui habent virtutem corporalem bene dispositam. His enim qui sunt debiles etiam levia videntur gravia.* (Sent. Libri Et. III, 10, 6).

<sup>12</sup>. *In rationali vero respectu finis, stultitia, ut non afficiatur aliquis debite ad finem, et contra hanc est sapientia*” (In III Sent. d 34 q 1 a 2 c). *Et ideo Gregorius sapientiam contra stultitiam ponit; quae importat errorem circa finem intentum* (In III Sent. d 35 q 2 a 1 c).

<sup>13</sup>. *Quia rectum iudicium habet de omnibus, quia circa unumquodque recte dispositus est, sicut qui sanum gustum habet, recte iudicat de sapore; solus autem spiritualis bene dispositus est circa agenda; et ideo ipse solus de eis bene iudicat* (Super ad Gal. cp 6 lc 1).

<sup>14</sup>. *Peccatum dicitur tenebra, quia intellectus obtunditur. Contra, multi peccatores inveniuntur qui habent optimum intellectum ad capiendum. Et dicendum, quod loquitur de obtusione intellectus practici, secundum quod omnis malus est ignorans; et non de obtusione intellectus speculativi.* (In IV Sent. d 18 q 2 ar5 cex).

<sup>15</sup>. *Ideo cor populi huius, idest mens, incrassatum est, idest excaecatum. Quare? Quia sicut ad visionem corporalem puritas requiritur, sic ad spiritualem. unde intellectus dicitur vis superior, quoniam maxime spiritualis. incrassatur intellectus, quando applicatur grossis et terrenis.*

<sup>16</sup>. *Designatur enim per hoc maxime hominis stoliditas, quod tam manifesta Dei signa non percipit; sicut stolidus reputaretur qui, hominem videns, eum habere animam non comprehenderet* (CG III, 38, 5). *Per ovem, quae est animal stultum, significatur hominis stoliditas...* (Super Ev. Io. cp 2 lc 2).

Entre as causas morais da percepção da realidade, destaca-se a boa vontade, que é como uma luz; enquanto a má vontade faz mergulhar nas trevas do preconceito (Catena Aurea in Mt cp 19, lc 7).

Outro ponto importante na análise dos tolos é o de que há graus de inteligência (e de tolice...): o tosco, **rústico**, não pode ser comparado ao sutil filósofo<sup>17</sup>.

E aí encontramos outro tipo: o **idiota**. Sempre atento às origens dos nomes, Tomás faz notar que *idiota*, propriamente, significa aquele que só conhece sua língua materna: “*Idiota proprie dicitur qui scit tantum linguam in qua natus est*” (Super I ad Cor. 11-16, 14, 3). Mas o sentido se estende: trata-se principalmente do cultivo da inteligência. Tolo que é tolo por falta de cultivo é idiota. Assim, no texto citado da *Contra Gentiles*, Tomás confronta a aguda inteligência do filósofo à tosca do rude e afirma que o idiota toma por falso o que ele não pode compreender. É em geral o **inexpertus**, o que não adquiriu conhecimento, como aquele escravo ignorante do *Menon* de Platão (I, 84, 3, 3).

O tosco, rústico, se espanta com tudo (o que – por exemplo, um eclipse – para outros é bem conhecido e não desperta admiração) (I, 105, 7).

**Imbecillis** (imbecil) diz respeito ao fraco em geral (na moral, no ânimo, na fé etc.) e não especialmente ao âmbito intelectual. Em todo caso, Tomás fala de *imbecillitas intellectus*, *imbecillitas sensus* e de *imbecillitas mentis*. Refere-se assim aos **tardos** em compreender (Super ad Hebr. cp 5 lc 2). E à dificuldade de apreensão intelectual direta, sem comparações e ilustrações<sup>18</sup>.

Os tardos se resistem a atinar com a realidade e dão interpretações grosseiras, como no caso da voz que glorifica Jesus no Evangelho é tomada pelos mais **grosseiros** por um trovão (Super Ev. Ioh. cp 12 lc 5).

O **nescius** é o ignorante, com ignorância culpável ou não (Cat. Aur. Mc cp 15 lc 3). O **crédulo** é superficial no crer (De Ver. I, q. 14, a. 10, ad 6).

Interpretando o versículo de Mt 5 22: “Quem chamar seu irmão *rakha*, será réu perante o Sinédrio”, Tomás discute os possíveis significados de *rakha*: segundo Jerônimo, indica o **inanis**, **vacuus**, o que tem a cabeça vazia, oca, sem cérebro<sup>19</sup>, “cabeça de bagre”.

Nem sempre o problema dos tolos é um problema de intelecto propriamente. Pois se o intelecto não é faculdade corpórea, no entanto necessita em sua operação das potências corporais como a imaginação, a memória e a capacidade “cogitativa”. E se as operações destas sofrem algum impedimento por parte do corpo não haverá bom funcionamento do intelecto (CG III, 84, 14).

Após esse percurso um tanto inquietante – esses vinte e tantos tipos de tolos continuam atuais... –, terminamos apresentando brevemente as indicações que Tomás dá dos remédios contra as tolices (próprias ou alheias). Primeiramente, deve-se recordar que dentre as obras de misericórdia cristãs, as mais importantes, as sete “esmolas espirituais”, três guardam relação mais ou menos direta com nosso tema: suportar os chatos (“*portare onerosos et graves*”), ensinar a quem não sabe (“*docere ignorantem*”) e dar bom conselho a quem precisa (“*consulere dubitanti*”).

O remédio – quando há remédio... – é o proposto por Tomás:

---

<sup>17</sup>. *Adhuc ex intellectuum gradibus idem facile est videre. Duorum enim quorum unus alio rem aliquam intellectu subtilius intuetur, ille cuius intellectus est elevatior, multa intelligit quae alius omnino capere non potest: sicut patet in rustico, qui nullo modo philosophiae subtiles considerationes capere potest*” (CG I, 3, 5).

<sup>18</sup>. *Et ratio huius est, quia obtusi sunt sensus eorum, id est ratio eorum hebes est, et sensus eorum imbecilles et obtusi sunt, nec possunt videre claritatem divini luminis, id est divinae veritatis, absque velamine figurarum*” (Super II ad Cor. cp 3 lc 3).

<sup>19</sup>. *Hieronymus. Vel racha hebraeum verbum est, et dicitur chenos, id est inanis aut vacuus, quem nos possumus vulgata iniuria absque cerebro nuncupare*” (Cat. Aur. in Mt cp 5, lc 13).

As deficiências espirituais se socorrem com obras espirituais de dois modos. Um, pedindo auxílio a Deus e para isto existe a oração. (...) Contra as deficiências do intelecto especulativo, o remédio é o estudo, a doutrina; contra as deficiências do intelecto prático: *consilium*, a deliberação e o conselho (entendido não só como alheio, mas também o próprio: considerar consigo mesmo e ponderar a realidade das coisas) (II-II, 32, 2).

Outra grande lição que nos dá a filosofia de Tomás é que a tolice que é pecado é aquela que poderia ter sido evitada...

## **Trair e coçar é só começar**

Dois provérbios franceses medievais se contrapõem: o indulgente diz “Uma vez não é nada” (“une fois, nulle fois”) e o rigorista adverte contra o princípio de vício por repetição: “Uma vez... é a primeira” (“une fois est la première”). Há começos que se projetam e se prolongam...

Nesse sentido, está a palavra “princípio”, que – pelo latim de Boécio – traduz a poderosa palavra grega *arkhé*, que não se confunde com um mero começo. O começo pode simplesmente começar e nada ter que ver com o que vem depois; já o princípio não só começa mas, como diz Heidegger, domina de dentro todo o processo por ele desencadeado (*beherrschendes woher*). Ajustar o cinto de segurança é meramente o começo de minha viagem de carro; ligar o motor é princípio (é aí que os sinônimos ingleses *begin* e *start* se diferenciam: ligar o motor é só *start*!) É pensando nisso que o Evangelho de João diz que no princípio era o Verbo e Platão afirma que a admiração é o princípio do filosofar.

Coçar é, por excelência, ação de um início que se projeta sem fim: começou não para mais... Daí o provérbio que, para dar ênfase, precisa de outra ação congênera e que, desde sempre, foi ocupada por “comer”: “Coçar e comer começo quer” é a forma do provérbio registrada pelo paremiologista português Antonio Delicado em 1651!

Já na forma (próxima à) atual, o provérbio aparece por primeira vez na BN em 07-09-1850, no “Diário do Rio de Janeiro”: “o comer e o coçar está no começar”. Quase sempre o comer é que faz par com o coçar, mas na BN às vezes se junta alguma outra ação como: discutir, surrar, brincar, o carnaval, casar (em Hollywood), bater boca etc.

O curioso é que “trair” nunca integrou essa lista... até 1986, quando com a estreia da peça de Marcos Caruso e seu estrondoso e duradouro sucesso (além, é claro, do filme) o provérbio mudou para “Trair e coçar é só começar”. Em uma genial jogada de marketing, o título da peça desbancou para sempre o reinado – mais do que tricentenário – do “comer” e hoje os falantes pensam que a única forma do provérbio é, e sempre foi: “Trair e coçar é só começar”.

## **Transferir, transladar (e outras do verbo latino *fero...*)**

Os verbos irregulares são o desespero das crianças que aprendem a falar e dos estrangeiros que querem aprender português. Ao estudar nossa língua, um chinês –

que desconhece o verbo ser e os desdobramentos de tempos, modos, vozes etc. – depara-se com 67 formas, tão diferentes como: sou, és, fui, foste, seremos, etc. A situação é, para ele, ininteligível e sem nenhuma lógica.

O mesmo pode ocorrer conosco em relação a verbos irregulares em outras línguas. O verbo *fero* latino é apresentado como *fero, fers, ferre, tuli, latum* (1ª. e 2ª. pessoas do presente do indicativo, infinitivo, 1ª. pessoa do pretérito perfeito do indicativo e supino) e significa: levar (portar, trazer, lançar, entregar etc.). E, por vezes, levar no sentido de atitude, como quando dizemos: levar na esportiva, levar a sério, levar a vida etc. (daí que também sofrer, *suffero*, também remeta a *fero*).

De *tuli*, que se confunde com formas do verbo *tollo*, procedem pouquíssimas palavras em nossa língua, como “tolher”. Mas, de *ferre* e *latum* há dezenas de derivados em português (em -ferir, -fero, -lação, -ladar etc.), com seu sentido original em torno de “levar”.

Este mero fato permite obter transparência em dezenas de palavras do português e entender a proximidade entre palavras como *referir* e *relatar*, *transferir* e *transladar*. E compreendemos a equivalência de expressões como *prolatar* a sentença e *proferir* a sentença. E na *colação* de grau, este é *conferido* ao formando. *Diferir* é *dilatar*, prolongar, adiar. Uma *inferência* é uma *ilação*. *Oblação* é *oferenda*.

De *ferre*, temos muitos derivados, como por exemplo: aferir um taxímetro é levá-lo à comparação com o padrão; auferir lucro é levar lucro; deferir um pedido é levá-lo a seu termo; desferir é enviar em lançamento; preferir é levar na frente (em primeiro lugar). Conferir é “trazer junto” (daí também o sentido de conferência como reunião, como no inglês ou em expressões como: videoconferência ou “Conferência Nacional dos Bispos do Brasil”, que é também o sentido de colação). Diferente é o “oposto no levar”. Circunferência é um levar circular. Interferir é “meter-se entre” (evidentemente, estes comentários não pretendem rigor de erudição, mas simplesmente a sugestão de sentido do *ferre* em nossas palavras).

Já delatar é entregar; *lato sensu* é em sentido estendido, levado além do sentido estrito.

Vociferar é levar a voz, o clamor. Proliferar é trazer (ao mundo) filhos, prole.

E mamífero é portador de mamas; aquífero, de água; mortífero, de morte; pestífero, de peste. Já em grego, o portador (o que leva, carrega, transporta) é semelhante ao *fero*: *phorós, ós, ón*. Daí que fósforo seja o que leva luz; semáforo, o que porta um sinal, uma marca distintiva (*sema*); Cristóvão (*Christophoros*) é o santo (padroeiro dos motoristas) que carregou Cristo; metáfora é trans-ferência de sentido. E euforia, etimologicamente é “levar bem”, como um paciente que reage, “leva” bem um tratamento.

Esta breve *relação* amostral de palavras (as mais evidentes...) decorrentes do *fero* pretende servir de indicativa *referência* para explorações em sala de aula, que ajudem a despertar o sentido da etimologia.

## Trocadilhos antigos

O leitor de hoje nem imagina quão intensa – ao longo de todo o século 19 (e mais) – era a presença do francês na cultura e na imprensa brasileira; podia-se citar essa língua sem tradução, empregar muitos de seus vocábulos mesmo havendo exatos equivalentes em português etc. Assim, inicialmente, junto com o nosso “trocadilho”, usava-se também “calembour”.

Nesse sentido, o “Monitor Campista” (09-09-1877) investe em sua coluna “Vícios de locução” contra uma série de galicismos desnecessários, entre os quais

“calembour”, pois “já temos trocadilho”. Curiosamente, entre os francesismos a serem evitados por haver equivalente vernáculo, a coluna apontava: massacre, buquê, descoberta, ligeiro, constatar, debutar etc.

O primeiro com o rótulo de trocadilho na BN é um jogo de palavras, um trava-língua que aparece no “A Abelha do Itaculmy” (MG, 16-02-1925): “O que eu digo bem o digo, se assim he o que eu digo, como he o que eu digo, o que eu digo assim he”.

Outros são trocadilhos no sentido que lhes damos hoje, alguns até previsíveis. “A Semana Illustrada” (RJ, Março 1861) narra que durante a encenação da peça “A Peccadora”, após a fala de um personagem: “Tu não vens ver teu filho; vens rouba-lo”, um espectador grita: “Qual robalo! Para quem é bacalháo basta” (ver verbete). Outro trocadilho barato vem em “A Noticia” (RJ, 1894, No. 70): referindo-se a Prudente de Moraes, diz: “Para ser popular o Sr. Prudente de Moraes deve ter uma acção *prudente* e praticar actos *moraes*”.

O primeiro com o título de “calembour” em língua portuguesa (antes houve até publicação de trocadilhos em francês) aparece na BN em 21 de novembro de 1848, quando em artigo do “O Correio da Tarde” (RJ) fala-se de alguém que “pretendeu remendar o mundo!... (mas) Coitado! não soube tomar as *suas medidas*”. Já no sentido estrito de trocadilho encontramos o calembour de alguém que se dirige a uma moça de nome Estella e lhe diz “pelos raios de uma Estrella” (“A Marmota” RJ, 31-01-1864).

No final do século 19 e nos começos do 20 dá-se a época de ouro desses jogos de palavras, com o “Pelé do trocadilho”, da roda de boêmios da confeitaria Colombo: Emílio de Menezes (1866-1918), imortal da ABL. Alguns de seus casos mais conhecidos são:

O poeta Guimarães Passos, tuberculoso, vivia lutando contra a doença. Quando publicou o livro “Tratado de Versificação Portuguesa”, Emílio não perdoou: – Desde que eu o conheço, ele tem tratado de ver se fica são.

Depois de uma conversa com Emílio, Teixeira Mendes (um dos líderes do positivismo), despediu-se: – Até logo. Eu agora vou para o apostolado. Emílio retrucou, de bate-pronto: – E eu vou para o lado oposto.

Em uma exposição de cereais, um desses gozadores eternamente de plantão apontou Emilio e brincou: – É milho! A reação foi instantânea:

– Hoje você está com a veia. E pondo a mão no ombro do engraçadinho, o impediu de escapar: – Não S’evada. Com isso é que me in... trigo. E, fazendo o adversário sentar em uma cadeira, aplicou o nocaute: – Sentei-o!

(<http://raulealiteratura.blogspot.com/2011/04/emilio-de-menezes- algumas-historias.html>)

E a melhor de todas:

Conta-se que Emílio de Menezes foi ao teatro e bem à sua frente se sentou uma atriz, famosa na época, acompanhada de duas amigas, todas portando chapéus com imensos penachos, o que obstruía a visão do nosso poeta. E ele então, vendo que na fila atrás da que se

encontrava restavam três lugares desocupados, bateu no ombro da moça, informando:

— Atriz atroz atrás há três.

(<https://vejario.abril.com.br/coluna/manoel-carlos/historias-de-teatro/>)

Mas nem só de imortais da Academia vive o trocadilho. Dentre as tiradas anônimas de meados do século passado, estava uma forma especial, cultivada nas escolas, os então famosos (alguns infames) “não confunda”. Não confunda “bife à milanesa” com “bife ali na mesa”, “capitão de fragata” com “cafetão de gravata”, “conhaque de alcatrão” com “catraca de canhão”, “abóboda celeste” com “a boba da Celeste”; “abacaxi” com “abaixa aqui” etc.

Esse tipo de piada existe também em outras línguas. Por exemplo, uma clássica espanhola (lá começam por “No es lo mismo...”):

“No es lo mismo tejidos y novedades en el piso de encima que te jodes y no ves nada y encima te pisan”.

Trocadilhos podem aparecer também nas piadinhas de “Qual é a diferença...?”. como por exemplo:

Qual a diferença entre a lagoa e a padaria?

Na lagoa há sapinho, a padaria assa pão

Qual a diferença entre o padre e o bule?

O padre é de muita fé, o bule é de po café

E a genial espanhola, sobre a diferença entre a diligência e a *silla* (cadeira) “la diligencia va por *Kansas City* y la silla está por ‘si ti cansas’”.

Outra forma (também de autoria anônima, como costumam ser as piadas) muito difundida de trocadilhos (infames) está nas indagações: “Qual é o nome do filme”? Alguns exemplos antigos:

Uma moça usava um grampo que começou a enferrujar. Ela então pediu a uma costureira que o forrasse. Qual o nome do filme?

Forra este Grampo (Forrest Grump)

Um casal foi ao cinema com uma caixa de preservativos. Qual o nome do filme?

Evita

Numa cidade havia muita moto Yamaha e só duas Honda. Qual o nome do filme?

Poca Hondas

Um homem foi ao cinema. No começo do filme, teve uma vontade enorme de ir ao banheiro. Passou o filme inteiro lá. Por sorte havia uma fresta na porta, pela qual ele pôde ver todo o filme. Qual o nome do filme?

Vida privada

Numa festa de aniversário um menino insistiu até que o pai pegasse uma bexiga para ele estourar. Qual o nome do filme?  
Tó e estore. (Toy Story)

Um homem estava apaixonado por sua namorada e resolveu pedir a sua mão em casamento: - Querida, eu te amo! Mas só caso contigo se você for virgem!. - Querido, isso não importa! Qual o nome do filme?  
Independência de Deus (Independence Day)

O muçulmano, no meio do deserto, andando de carro. De repente, uma pane. Desesperado, pede ajuda a Alá, que lhe envia um anjo em forma de uma mulher, mecânica, para consertar o carro. Qual é o nome do filme?  
Alá ar(r)anja mecânica

(<http://www.hottopos.com/regeq7/humor.htm>. Acesso em 29-04-2023).

Concluo este verbete penitenciando-me. Estas piadas de filme foram publicadas em 2001 e devo confessar que as infames duas últimas foram de minha autoria. Hoje, vinte e dois anos depois, fui conferir no Google e pude constatar que, especialmente a penúltima, tiveram alguma repercussão na internet.

## **Trocentos & Cia. – a indeterminação numérica**

Para designar um número alto, da ordem de 3 ou 4 dígitos, para o qual não temos paciência, interesse ou possibilidade de calcular com precisão, empregamos a criativa forma “trocentos”, que parece ter surgido na BN em meados da década de 90. Falando da percussionista Babi, diz “A Tribuna” de Santos de 6 de julho de 1996:

Babi teve – e ainda tem – que batalhar muito, e encarar trocentos preconceitos, de várias pessoas e em vários níveis.

Já para números altos, mas em escalas menos elevadas (de 1 ou 2 dígitos) – e no âmbito dos ordinais –, emprega-se enésimo: “Este já é o enésimo casamento dele”; “Vou repetir pela enésima vez...”. O termo ingressa na BN pelo maestro italiano, radicado no Rio, Salvatore Ruberti que ao longo dos anos 50 manteve a coluna “Música” do “Diário da Noite”. Citando o helenista italiano Ettore Romagnoli, ele escreve:

Quando um quarto, um quinto e um enésimo espírito e depois todo o mundo sentem o mesmo efeito, ficam presa do mesmo suave contágio (...) concluo que aquela obra é expressão de vida, criação de arte. (26-09-1952).

Ingressando na ordem de grandeza astronômica, dispomos do “Zilhão”, pseudonumeral multiplicativo que descreve um exagerado número indeterminado. Surge na BN na coluna social do “Diário da Noite” (RJ, 04-07-1959”):

Agradecendo “Zilhões” o “crooner” Roberto Carlos, da boate Plaza.

No sentido oposto ao dos casos acima, usava-se na gíria espanhola a unidade “hijopotésimo de segundo”, o infinitesimal de tempo que leva entre o semáforo abrir e o “cabrón” do carro que está atrás do nosso buzinar...

## Uma no cravo e outra na ferradura

O cravo é uma espécie de prego para prender a ferradura que vai calçar o casco do cavalo. Claro que a martelada deve ser dada no cravo e não na ferradura, o que pode ocorrer por errar a mão, de modo intencional ou não. Assim, essa expressão antiquíssima serve para denunciar atitudes dúbias ou hesitantes, de quem não quer se definir por um dos dois lados de uma contenda.

A locução, muito frequente, surge na BN em “O Pacote de Portugal” (RJ, 12-08-1833) referindo-se precisamente a um autor que se volta contra a cidade do Porto, ao mesmo tempo em que incensa alguns portuenses.

Sobre essa locução circula uma historietinha de uma muito engenhosa resposta à ofensiva acusação de “dar uma no cravo e outra na ferradura”. Como há diversos candidatos a protagonistas (geralmente um advogado no tribunal ou um político no parlamento) e nunca se citam fontes, recolho aqui a versão que se encontra na revista “Frou-Frou” (RJ, No.1 1923).

Surpreendentemente, neste caso, a brilhante protagonista do relato é uma *mademoiselle* da sociedade carioca, que costuma passear no Flamengo e, de repente, do nada, se intromete em seu grupo de conversação um desconhecido extremamente importuno. Trata-se de um “exótico e burlesco almofadinha”, tipo acabado do babaca, que começa a “despejar sandices, a torto e a direito, com uma inconsciência de fazer dó às pedras”. A certa altura, ele investe contra a *mademoiselle* com perguntas descabidas e inconvenientes, e ela opta por desconversar com evasivas. O almofadinha aproveita para espezinhar com aquilo que ele julga ser o xeque-mate:

“- *Mademoiselle* (...) está dando uma no cravo, outra na ferradura!”

Resposta imediata da “*Mademoiselle*”:

“- É que o Sr. não está quieto com o pé (a pata)”

O almofadinha dezabou...

## Vai que

“Vai que” é o nosso correspondente mais próximo de uma distinção árabe (e semita em geral): a partícula *law*.

O árabe (e as línguas semitas) distinguem em três níveis aquilo que, em nossa língua, se expressa na única conjunção “se”, para nós confundente, e podendo situar-se – quanto à possibilidade de realização – em três níveis distintos:

1. Um primeiro nível é o “se” (em árabe: *idha*) que expressa uma certeza ou grande probabilidade de que algo vai se realizar: “Se a lâmpada queimar, não adianta estrilar nem bater o pé” (antigo *jingle* da GE), “Se o seu filho te der alguma preocupação, tenha paciência”. É um “se” que poderíamos

até substituir por “quando”, porque certamente um dia a lâmpada queimar e o filho inevitavelmente há de dar alguma dor de cabeça.

2. No extremo oposto, situa-se o “se” (*law*) que expressa uma impossibilidade (ou quase): “Vai ver se eu estou na esquina”, “Se não houver políticos corruptos, o Brasil será o maior país do mundo”.

3. E, finalmente, o “se” mais normal (*in*), que expressa dúvida real: pode ser que sim, mas também pode ser que não. Como quando a grávida diz: “Não sabemos ainda se é menino ou menina”; ou o convidado no celular: “Não sei se vai dar para chegar a tempo: o trânsito está meio congestionado”.

Em culturas como a nossa e mais ainda na semita, permeadas de tabus de nomeação, há regras implícitas na convivência que tornam complicado prever possíveis doenças, mortes ou problemas em geral: enunciar algo, mesmo hipoteticamente, é confundido com a realidade ou com o desejo de que aconteça (“vira essa boca pra lá!”). Uma mera e inocente conjectura (“se o seu filho não for aprovado no vestibular”, “se ele ficar doente...” etc.) pode facilmente ser confundida com olho gordo, praga ou maldição, especialmente se a hipótese vier a acontecer. Daí a antiga fórmula “Deus nos livre e guarde” ou o bater na madeira etc. antes de qualquer alusão a tribulações.

Nesse quadro, o *law* serve como atenuante: se tivéssemos um equivalente português (e este “se” já é um *law*, pois não dispomos desse “se” em nossa língua), aliviar-se-iam situações muito embaraçosas, como a do vendedor da loja de roupas tamanho GG, que quer convencer o cliente gordo a comprar uma calça com cintura elástica, pois *se* ele engordar, a calça se ajustará... Como dizer: “- É melhor comprar esta, pois se o senhor engordar...”, sem correr o risco de perder o cliente? (ou como dizer ao vovô muito idoso que está mais do que na hora de fazer o testamento? ou avisar o marido traído? etc.

Em exemplos como esses – na falta de um *law*, que já afirma a impossibilidade – a criatividade brasileira recorre a circularidades e enrolações como: “É melhor o senhor levar esta calça porque... **isto não vai acontecer**, mas vai que o senhor, temporariamente, engorde um pouquinho, ela se ajusta até o senhor voltar a emagrecer...”. Para o caso da admissão da ideia da morte, ficou famosa a frase atribuída ao Dr. Roberto Marinho (os funcionários mais antigos da Globo referiam-se a ele como “Deus”): “Se um dia eu vier a faltar...”.

Sem querer (ou “sem querer, querendo...”, como o Chavez) já introduzimos nosso “vai que” como uma aproximação de *substituto* do *law*.

No começo de uma antiga campanha de publicidade da Bradesco Seguros, os filminhos mostravam cenas de perigo irreais: o ator caminhando sobre uma estreita viga no alto de um prédio em construção ou prestes a ser atropelado por um trem em alta velocidade, mas o texto já trazia situações mais próximas. O humor buscava exorcizar o tabu, com a imagem do pé frio Mick Jagger e a legenda “Vai que... ele torce por você”.

Comparado com o *law*, “vai que” também aponta para o improvável, mas deixa uma margem muito maior para que algo realmente ocorra: vai que cola!

## Vê se aparece

Resumindo, a grosso modo e pressupondo as mil ressalvas das generalizações, a visão do mundo ocidental tende a ser centrada no eu do sujeito. Assim o expressa a monja Coen em uma entrevista: “Eu sinto que sair do eu auto-centrado e se dedicar ao Eu maior é a própria felicidade – e isso tanto no Ocidente quanto no Oriente. Talvez os métodos educacionais sejam diversos: o Ocidente sempre foi mais centrado no eu individual do que o Oriente, que costuma considerar a coletividade em primeiro lugar”. Claro que isto não quer dizer que os ocidentais sejam egoístas e os orientais solidários, como aliás adverte a própria monja nessa mesma entrevista.

Seja como for, algo desse centramento no eu revela-se em uma de nossas fórmulas de despedida mais usuais. A visita está indo embora e o dono da casa diz “Vê se aparece!”. Claro que o sentido é o de manifestar apreço e agrado com a presença do visitante, mas fica implícito (e inconsciente) que nós somos pessoas importantes, interessantes, bonitas, legais... e autorizamos você a vir ver-nos, pois, nós, além do mais, somos também generosos.

A diferença fica clara quando contrastamos com a forma árabe para situações semelhantes: o oriental despede-se da visita dizendo: *Ismah lana nashufak!* – Permita que nós o vejamos (*você* é a pessoa importante, etc...).

É necessário ter em conta a exuberância nas fórmulas de hospitalidade para uma melhor compreensão do mundo semita. O Alcorão prescreve, por exemplo (IV, 86), retribuir uma saudação com outra mais intensa ou, pelo menos, não inferior. Naturalmente, a reação em cadeia deflagrada por um simples “Bom dia” pode durar uma eternidade: “– Bom dia...”, “– Tenha você um dia de luz...” “– E você um dia de luz e de mel...” (mel e jasmim; doce música; que a sombra de Allah te acompanhe; etc.). Nesse sentido, Cristo, que tão bem sabe valorizar a hospitalidade e as formas humanas de acolhimento (cf. Lc. 7,44 e ss.) tem que recomendar aos discípulos enviados em missão: “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10,4). É simplesmente uma questão de aproveitamento do tempo numa missão urgente!

## Zoeira

Embora Houaiss date-a de 1899, “zoeira” surge na BN já em novembro de 1847, no No. 5 de “Sciencia” (RJ), no sentido técnico de zumbido: “como se uma mosca fosse fechada dentro do conducto auditivo”. E é assim que é principalmente empregada nas décadas subsequentes. Mas com o significado associado a confusão já aparece em 6 de dezembro de 1868, quando “Jequitinhonha” (MG) zomba de um líder político, apelidado de Dr. Zoeira.

Ainda no século XIX, encontramos também “zoeira” como algazarra, gritaria e confusão, ou até grande alvoroço e tumulto, como quando o personagem de Folhetim de “O Commercio de São Paulo” (30-03-1898) diz estar se armando por prever que a qualquer hora “aparece por ahi alguma zoeira e sempre é bom andar prevenido”.

Nas primeiras décadas do século 20 será esse sentido que prevalecerá, como por exemplo na curiosa notícia (eivada de preconceitos e racismo) do “Pharol” de Juiz de Fora (17-05-1910). Alguns negros se reuniram de noite na casa de um deles, o “creoulo” Joaquim Carlos, para um samba “arreleante” na espera da madrugada, quando poderiam ter a rara oportunidade de contemplar no céu o Cometa de Halley. Mas “aquela zoeira não duraria muito”, pois perto das 22:00h foi cortada a algazarra da “negralhada que se babava”, porque o samba, que perturbava o sossego geral, foi interrompido pela ação – na ótica do jornal, razoável e em legítima defesa – de dois

policiais, que desembainharam os sabres e entraram “a dar pancadas a torto e a direito” (o jornal alega resistência dos pretos, embora só eles tenham sido atingidos e o Joaquim Carlos ferido, gravemente, pelos sabres dos agentes da ordem...). E embora “a culpa” fosse dos negros, o *Pharol* conclui: “O sr. delegado de polícia, correcto como sempre, abriu inquerito para apurar a culpa de seus subordinados”.

Atualmente, “zoada”, sinônimo de “zoeira”, presta-se também – ao menos desde o início do milênio – a um outro significado (como também o verbo “zoar”), lúdico, na linha da gozação, da troça. Assim, o “*Correio Braziliense*” (12-02-2002), noticiando o desfile de *La Morenada* – antiga tradição carnavalesca de Oruro na Bolívia, que começou com os primeiros negros que habitaram aquele país –, explica que um de seus significados fundacionais era o de satirizar a pompa dos senhores, uma “forma de dar uma zoada nas festas da corte espanhola”.

## **Zona de rebaixamento**

A linguagem, por caminhos não conscientes, vai achando suas formas mais adequadas em cada caso e acaba por nomear acertadamente a realidade em expressões que se tornam padrão.

Foi o que aconteceu com o uso da palavra “zona” para indicar os times que integram o grupo dos rebaixandos (perdão pelo neologismo) em campeonatos brasileiros. Se, no Brasileirão, falamos em G4, o “grupo” de elite dos times que vão para a Libertadores, ou terão acesso à série A; no outro extremo da tabela, não é grupo, mas zona.

Talvez inconscientemente essa escolha tenha estado ligada aos usos pouco nobres da palavra “zona”, que em seu uso informal é “falta de ordem; bagunça, confusão, desordem” (Houaiss); significado derivado daquele outro uso informal...

O fato é que, aplicada aos campeonatos nacionais, a expressão surge na BN em 15-04-1989 na “*Tribuna da Imprensa*” (RJ), dizendo que o técnico do América estava empenhado em: “afastar o time da perigosa zona de rebaixamento”. Naquele ano, a expressão não foi copiada, mas a partir do ano seguinte foi pipocando em diversos órgãos da imprensa e rapidamente se consagrou e até cristalizou-se, ganhando até a abreviatura Z4 (em oposição ao G4).

Só anos depois, em 2003, a BN começa a falar em “zona da degola”, que também viria a se consolidar como expressão sinônima de “zona de rebaixamento”.